

CAPÍTULO I

- Magoei-te?
- Não.
- Estás zangado comigo?
- Não.

Era verdade. Naquele momento tudo era verdade, visto que ele vivia a cena em estado bruto, sem se interrogar, sem tentar compreender, sem suspeitar sequer que chegaria a altura em que qualquer coisa haveria a perceber. Mas não só tudo era verdade como tudo era real: ele, o quarto, Andrée, que continuava estendida sobre o leito em desalinho, nua, as pernas entreabertas, com a mancha sombria do sexo de onde brotava um fio de esperma.

Era feliz? Se lho tivessem perguntado, responderia sim sem hesitar. Nem lhe passava pela cabeça zangar-se com Andrée por esta lhe ter mordido o lábio. Este facto fazia parte de um conjunto, assim como o resto, e ele, igualmente nu, de pé, em frente do espelho do lavatório, dando pancadinhas no lábio com a toalha embebida em água fria.

- A tua mulher vai fazer-te perguntas?
- Creio que não.
- De vez em quando faz?

As palavras não tinham a menor importância. Falavam pelo prazer de falar, como se fala do ato de amor, o corpo ainda sensível, a cabeça um pouco oca.

- Tens umas costas bonitas.

A toalha estava salpicada por algumas manchas rosadas e, na rua, um caminhão vazio ia aos solavancos sobre a calçada. Na esplanada, as pessoas conversavam. Distinguia-se uma palavra aqui, outra acolá, que não formavam frases e nada queriam dizer.

— Amas-me, Tony?

— Creio que sim...

Ele gracejava, mas sem sorrir devido ao lábio inferior, que continuava a esfregar com o pano molhado.

— Não tens a certeza?

Ele voltou-se para a contemplar e deu-lhe prazer ver o seu próprio sémen tão intimamente ligado ao corpo da companheira.

O quarto era azul, o azul da barrela, como um dia pensara: um azul que lhe recordava a infância, os pequeninos sacos de estamemha cheios de pó azul que sua mãe diluía na água da selha antes da última enxaguadela da roupa, justamente antes de a estender sobre a erva luzidia do prado. Devia ter uns cinco ou seis anos e perguntava a si próprio por que milagre a cor azul podia tornar a roupa branca.

Mais tarde, muito depois da morte da mãe, cujo rosto já não conseguia recordar com nitidez, perguntara igualmente a si próprio por que motivo pessoas tão pobres como eles, que usavam fatos remendados, davam importância à brancura da roupa.

Estaria a pensar nisso naquele momento? Só mais tarde o saberia. O azul do quarto não era apenas o azul da barrela, mas igualmente o azul do céu em certas tardes quentes de agosto, um pouco antes de o sol-poente o tingir de rosa e, depois, de vermelho.

Estava-se em agosto. A 2 de agosto. A tarde já ia avançada. Às cinco horas, nuvens douradas, de uma leveza de nata batida, começavam a elevar-se sobre a gare, cuja fachada branca se mantinha na sombra.

— Serias capaz de passar a vida toda comigo?

Ele não tinha consciência de registar as palavras. Nem as imagens ou os odores. Como poderia ele adivinhar que viria a reviver aquela cena dez vezes, vinte vezes, mais ainda, cada uma delas em estado de espírito diferente, vendo-a, de cada vez, sob um outro ângulo?

Durante meses, esforçar-se-ia por relembrar os mínimos pormenores, nem sempre por vontade própria, mas porque outros o obrigariam a isso.

O professor Bigot, por exemplo, o psiquiatra designado pelo juiz instrutor, insistiria, atento aos seus reflexos:

- Ela mordida-o muitas vezes?
- Algumas.
- Quantas?
- No total, só nos encontramos oito vezes no Hôtel des Voyageurs.
- Oito vezes num ano?
- Em onze meses... Sim, onze, visto que tudo começou em setembro...
- Quantas vezes ela o mordeu?
- Talvez três ou quatro.
- Durante o ato?
- Creio que sim...

Sim... Não... De facto, hoje, isso passara-se depois, quando ele, já separado dela, continuava, de lado, a observá-la através dos olhos semicerrados. A luz, que os envolvia a ambos, encantava-o.

Lá fora, no largo da estação, o ar estava quente, tal como dentro do quarto, onde batia o sol e onde o calor espesso, como uma presença viva, parecia respirar ofegante.

Não fechara completamente as vidraças, deixando entre elas uma fenda de cerca de vinte centímetros, de forma que, através da janela aberta, ouviam os ruídos da pequena cidade, uns confusos, formando como que um coro longínquo, outros próximos e distintos, bastante destacados: as vozes dos frequentadores da esplanada, por exemplo.

Há pouco, enquanto eles se entregavam selvaticamente ao amor, esses ruídos atingiam-nos, formavam um conjunto com os seus próprios corpos, com a saliva, o suor, o branco do ventre de Andrée e o tom um pouco mais colorido da pele dele, o raio de luz em forma de losango que dividia o quarto ao meio, o azul das paredes, um reflexo móvel sobre o espelho, e o cheiro do hotel, um cheiro

que continuava a ter qualquer coisa de campesino, o do vinho e das aguardentes servidas na primeira sala, do guisado que cozia lentamente na cozinha e, finalmente, o do colchão, de crina vegetal um pouco bolorenta.

— És belo, Tony.

Ela repetia a frase cada vez que se encontravam, sempre no momento em que ficava estendida enquanto ele ia e vinha pelo quarto, mexendo na algibeira das calças, atiradas sobre uma cadeira com fundo de palhinha, à procura dos cigarros.

— Ainda estás a deitar sangue?

— Já não tenho quase nada.

— O que lhe responderás, se ela te fizer perguntas?

Ele encolhia os ombros, sem perceber o motivo dessa preocupação. Naquele momento, para ele, nada tinha importância. Sentia-se bem, em harmonia com o universo.

— Digo-lhe que dei uma pancada... No pára-brisas do carro, por exemplo, ao fazer uma travagem brusca...

Acendia o cigarro, que tinha um aroma especial. Quando reconstituísse aquele encontro, recordar-se-ia de outro cheiro: o dos comboios, que conseguia isolar-se dos outros. Um comboio de mercadorias fazia manobras lentas nas traseiras dos prédios e por vezes a locomotiva soltava uns apitos breves.

O professor Bigot, que era ruivo, baixo e magro, com espessas sobranceiras emaranhadas, insistiria:

— Não lhe passou pela cabeça que ela o mordida de propósito?

— Por que motivo?

Mais tarde, Demarié, o seu advogado, voltaria à carga.

— Creio que se poderia tirar partido dessas dentadas...

Mas como poderia ele ter pensado nisso, numa altura em que se limitava a viver? Não pensava fosse no que fosse. Se o fazia, era sem querer. Respondia a Andréé sem refletir, num tom despreocupado, divertido, persuadido de que as palavras que proferia não tinham qualquer peso, tanto mais que não iriam eternizar-se no espaço.

Uma tarde, por ocasião do terceiro ou quarto encontro, depois de lhe ter dito que ele era belo, Andréé acrescentara:

— És tão belo que gostaria de te amar diante de toda a gente, em plena place de la Gare...

Ele rira, sem grande surpresa, no entanto. Não lhe desagradava, enquanto se enlaçavam, manter um certo contacto com o mundo exterior: com os ruídos, as vozes, a reverberação da luz e até mesmo com o bater dos pés sobre o passeio ou o ruído dos copos sobre as mesas da esplanada.

Um dia, passara uma banda de música e eles divertiram-se a ritmar os próprios movimentos pelo compasso da música. Outra vez, quando rebentara uma tempestade, Andrée insistiu em que ele abrisse a janela de par em par.

Não era um jogo? Em todo o caso, ele não notou qualquer malícia. Ela estava nua, atravessada na cama, numa posição deliberadamente impudica. Propositadamente, assim que transpunha a porta do quarto mostrava-se o mais impudica possível.

Por vezes, acontecia, já depois de se terem despido, que ela murmurasse, com uma falsa inocência que nem tentava iludi-lo e que fazia parte do jogo:

— Tenho sede. Tu não tens sede?

— Não.

— Mas daqui a pouco vais ter. Chama a Françoise e pede bebidas...

Françoise, a criada, tinha cerca de trinta anos e servia nos cafés ou nos hotéis desde os quinze, de forma que já nada a podia espantar.

— Chamou, Monsieur Tony?

Ela chamava-lhe Monsieur Tony porque ele era irmão do patrão, Vincent Falcone, cujo nome estava pintado na fachada do prédio e cuja voz se ouvia na esplanada.

Não perguntou a si próprio se ela agia dessa forma com um objetivo determinado.

Aquilo que ele agora vivia em meia hora, nem tanto, apenas alguns minutos da sua existência, seria decomposto em imagens, em sons destacados, examinado com uma lente de aumentar, não somente pelos outros, mas por ele próprio.

Andrée era alta. Deitada na cama não se notava, mas tinha mais três ou quatro centímetros do que ele. Embora fosse da re-